

A GRAMÁTICA DAS FORMAS POSSESSIVAS DO PORTUGUÊS DO BRASIL¹

Ana Lúcia de Paula MÜLLER

RESUMO *Minha tese examina a sintaxe e a semântica das formas possessivas no português brasileiro, tratando das seguintes questões: (i) a relação anafórica entre as formas possessivas seu/dele e seus antecedentes; (ii) a relação entre o pronome possessivo e os argumentos genitivos de um sintagma nominal; (iii) as diferentes funções sintáticas e semânticas do pronome possessivo conforme sua posição no sintagma nominal. O trabalho estabelece que o possessivo de terceira pessoa - seu - é uma anáfora, no sentido de que não é capaz de funcionar como um dêitico, i. e., não possui independência referencial. Seu comporta-se como uma variável no sentido da lógica. Dele, ao contrário, é um pronome que recupera antecedentes referenciais. A tese demonstra a existência de argumentos genitivos de um núcleo nominal. Demonstra também a existência de uma hierarquia estrutural entre esses argumentos (do argumento mais “externo” ao mais “interno”): possuidor > agente/experienciador > tema. Essa hierarquia é respeitada quando do estabelecimento da interpretação de um pronome possessivo anteposto. Existe, portanto, uma relação estrutural entre o pronome possessivo anteposto e os argumentos genitivos de um núcleo nominal. Finalmente, o papel delimitador/determinante do pronome possessivo anteposto ao núcleo nominal é contrastado ao papel predicativo/atributivo do pronome posposto. O pronome possessivo anteposto é analisado como um argumento do núcleo nominal ocupando uma posição de especificador com escopo sobre o núcleo nominal, seus argumentos e adjuntos. Já o pronome posposto é analisado como um predicado do núcleo, ocupando uma posição de adjunto do nome-núcleo.*

Meu objetivo geral foi o de estudar as relações anafóricas entre sintagmas nominais no português brasileiro. O assunto foi propositalmente escolhido por encontrar-se na fronteira entre a sintaxe e a semântica. A questão semântica que eu desejava investigar era o conteúdo semântico das relações anafóricas - ou seja, qual a relação entre a denotação do antecedente e a denotação do anafórico; e a questão

¹ Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, no dia 20 de maio de 1997, sob a orientação do Prof. Dr. Rodolfo Ilari.

sintática era quais as coerções sintáticas para o estabelecimento de diferentes tipos de relações anafóricas.

A pergunta maior que permeou a pesquisa é a de como certos significados são expressos pela sintaxe, ou, vice-versa, como a sintaxe determina a maneira pela qual certos significados podem ser expressos. A meu ver, são dois lados da mesma moeda. Evidentemente, colocar a pergunta desta forma, significa esperar um tipo de relação bastante íntimo entre sintaxe e significado.

Em particular, investigo o comportamento das formas possessivas no português do Brasil fazendo uso de dois paradigmas teóricos, a semântica de valor de verdade e a teoria gerativa. É claro que esses dois paradigmas me parecem compatíveis.

A tese realiza uma tarefa “modesta”, essencialmente descritiva, beneficiando-se de instrumental teórico e empírico utilizado pela Teoria Gerativa e pela Semântica Formal. Pretende compreender melhor um aspecto do português brasileiro e espera não ser descritiva no sentido ingênuo; não é sua intenção discutir teorias.

A tese examina a sintaxe e a semântica dos pronomes possessivos no português brasileiro, tratando das seguintes questões:

- (i) a relação anafórica entre o pronome possessivo e seu antecedente;
- (ii) a relação entre o pronome possessivo e os argumentos genitivos de um sintagma nominal;
- (iii) as diferentes funções sintáticas e semânticas do pronome possessivo conforme sua posição no sintagma nominal.

Em relação à recuperação de seu antecedente, a tese mostra que o possessivo de terceira pessoa - *seu* - é uma anáfora, no sentido de que não é capaz de funcionar como um dêitico, i. e., não possui independência referencial. O pronome *seu*, quando anteposto ao nome, realiza uma operação de reflexivização: exige identidade entre um argumento nominal e algum argumento antecedente.

Assim, *seu* comporta-se como uma variável no sentido da lógica e, por essa razão, seus antecedentes são, na maioria dos casos, sintagmas quantificados ou sintagmas genéricos cuja interpretação pode ser traduzida por um quantificador universal. Dados estatísticos confirmam a preferência de *seu* por antecedentes genéricos ou quantificados (94% e 100% respectivamente no *corpus* analisado por Almeida, 1993²). Esse comportamento está ilustrado em (1) e (2).

- (1) a. [O ser humano] tem que conhecer *suas* limitações
b. ?O ser humano tem que conhecer as limitações *dele*
- (2) a. [Cada cidadão] deve ser reponsável por *seus* atos
b. ?[Cada cidadão] deve ser responsável pelos atos *dele*

A tese estabelece a existência de argumentos genitivos de um núcleo nominal - constituintes sintáticos caracterizados por serem introduzidos por *de*, aceitarem paráfrase com *cujo*, por não permitirem a substituição por um pronome oblíquo e,

² ALMEIDA, A.B. (1993). “Pronomes possessivos de 3a pessoa no Português Falado de São Paulo” (*mimeo*).

finalmente, por serem os únicos constituintes pronominalizáveis por um pronome possessivo. Essas propriedades estão ilustradas em (3).

- (3) o gato d[o menino]
o menino *cujo* gato ...
*o gato de mim
o *meu* gato

O constituintes genitivos de um sintagma nominal foram classificados como argumentos do núcleo nominal em dois sentidos: em um sentido sintático, usual na Teoria Gerativa, de saturarem uma posição temática, e, em um sentido semântico, de saturarem posições argumentais de um predicado. A consequência dessa análise é que, tanto a operação sintática, quanto a operação semântica, que ocorre entre um núcleo nominal e um argumento genitivo são distintas das operações que ocorrem entre um núcleo e um adjunto “adnominal”. Por exemplo, (4) pode ser interpretada como a intersecção do conjunto das fotos com o conjunto das coisas profissionais. Já (5) não tem essa interpretação, isto é, não pode ser descrita como denotando uma intersecção de conjuntos. Interpretar [o profissional] como um argumento, implica em entender que sua adição ao predicado *gato* diminui a valência desse predicado, ou seja, diminui o número de posições argumentais disponíveis.

- (4) uma foto [de profissional]
(5) uma foto [do profissional]

O comportamento sintático dos argumentos genitivos mostra a existência de uma hierarquia estrutural: (do argumento mais “externo” ao mais “interno”): possuidor > agente/experienciador > tema. Essa hierarquia é respeitada quando do estabelecimento da interpretação de um pronome possessivo anteposto: o pronome é sempre interpretado como o argumento mais “externo”, como ilustrado em (6). Existe, portanto, uma relação estrutural entre o pronome possessivo anteposto e os argumentos genitivos de um núcleo nominal.

- (6) a. Está quase caindo no chão o *teu* retrato (*teu* = possuidor ou agente ou tema)
b. Está quase caindo no chão o *teu* retrato [de Picasso] (se Picasso se interpreta como agente, então *teu* = possuidor; se Picasso se interpreta como tema, então *teu* = possuidor ou agente)
c. Está quase caindo no chão o *teu* retrato [de Picasso] [das crianças brincando na piscina] (*teu* = possuidor)

A tese contrasta o papel delimitador/determinante do pronome possessivo anteposto ao núcleo nominal ao papel predicativo/atributivo do pronome posposto. O possessivo anteposto co-ocorre com determinantes e outros quantificadores definidos, mas não co-ocorre (salvo raríssimas exceções) com quantificadores indefinidos, como

ilustram as sentenças em (7). Mostra também que o papel delimitador do pronome anteposto não decorre de uma incorporação de um determinante definido ao possessivo, pois existem posições, como ilustrado em (8), em que a presença *versus* a ausência do determinante definido não são equivalentes.

- (7) a. Os políticos cuidam somente *dos* seus interesses
b. *Os políticos cuidam somente de *alguns* seus interesses
- (8) a. Eu considero Jorge [meu amigo]
b. ?Eu considero Jorge [o meu amigo]

A tese faz notar também que o pronome possessivo possui um caráter categorial de adjetivo e, quando posposto ao núcleo, o possessivo se comporta como um adjunto/atributo desse núcleo. (9) e (10) ilustram esse comportamento, pois tanto o pronome posposto, quanto o adjetivo se comportam como adjuntos do núcleo nominal, não sendo possível intercalar entre estes e o núcleo um argumento genitivo.

- (9) a. Eu não conheço um retrato *seu* [do David Zing]
b. *Eu não conheço um retrato [do David Zing] *seu*
- (10) a. A crítica inteligente [dos cientistas] à política econômica
b. *A crítica [dos cientistas] inteligente à política econômica

Finalmente, a tese mostra que o pronome possessivo posposto ao núcleo nominal, ao contrário do pronome anteposto, não respeita a hierarquia temático/estrutural estabelecida para a interpretação dos pronomes antepostos. Esse fato é ilustrado em (11).

- (11) a. João gostaria de comprar um retrato *seu* TEMA [de Picasso]AGENTE
b. João quer destruir alguns quadros *seus* AGENTE [de seu empresário]POSSUIDOR

Em termos da estrutura sintática do sintagma nominal, temos então que o pronome possessivo anteposto é um argumento do sintagma nominal ocupando uma posição de especificador com escopo sobre o núcleo nominal, seus argumentos e adjuntos. Já o pronome possessivo posposto é um predicado do núcleo nominal, ocupando uma posição de adjunto do nome-núcleo.

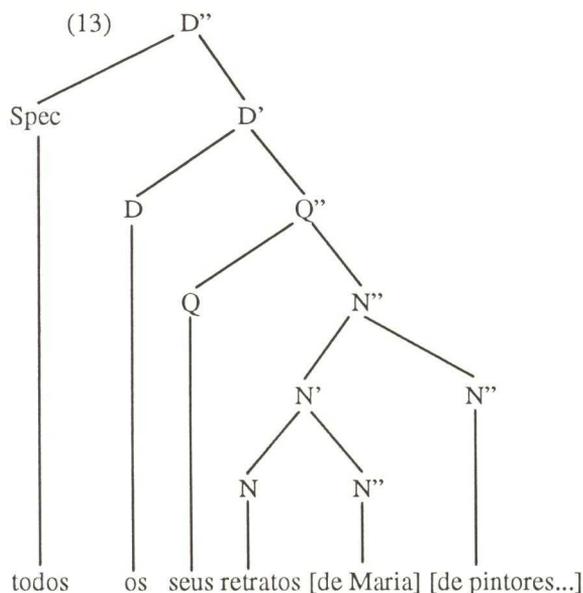
Vou admitir que a estrutura funcional do sintagma nominal possui, como propõe Carlos Franchi (1996)³, com duas categorias funcionais - Determinante e Quantificador. Trata-se de uma particularização de sua proposta de uma caracterização semântica generalizada das categorias funcionais interpretáveis em termos de determinantes dêiticos (D) e quantificacionais (Q)⁴. Nessa estrutura, dado o caráter de operador do

³ FRANCHI, C. (1996) "Anotações" (*mimeo*).

⁴ Generalizada porque corresponderia, respectivamente, no caso da oração (como categorias funcionais dos verbos) ao Tempo e ao Aspecto.

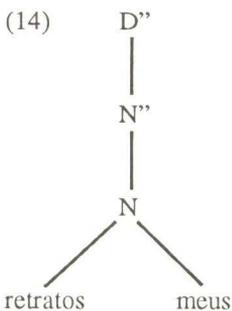
pronome possessivo anteposto, um sintagma como (12) - *todos os seus retratos de Maria de pintores barrocos* - teria uma descrição estrutural como em (13).

(12) Os colecionadores sempre sonham em vender **todos os seus retratos** [de Maria] [de pintores barrocos] por um preço de seus retratos de Picasso



A estrutura em (13) explica a restrição ao possessivo anteposto em construções com quantificadores indefinidos (um, algum, nenhum, etc.), pois ambas ocupariam a mesma posição estrutural. A estrutura (13) explica também a possibilidade no português do Brasil da coocorrência dos determinantes definidos (o, este, ...) e do possessivo, ambos funcionalmente distintos.

Já o pronome possessivo posposto, enquanto adjunto do núcleo, teria uma representação como em (14). Como se pode notar, o possessivo é um constituinte que se comporta ora como um adjetivo/adjunto, ora como um argumento/sujeito. Adjetivos e nomes não parecem formar categorias claramente distintas, o que é expresso pela caracterização gerativista da categoria [+adjetivo] como sendo igual a [[+nome], [+verbo]].



Muitas questões ainda devem ser respondidas. Por que o pronome possessivo anteposto respeitaria para sua interpretação a hierarquia possuidor>agente/experienciador>tema estabelecida para os argumentos genitivos de um sintagma nominal? Por outro lado, apesar de não respeitar esta hierarquia interpretativa e de ser um adjunto do nome, o pronome posposto, de alguma forma, também “absorve” de algum modo um papel temático (uma posição argumental) do nome, pois este deixa de estar disponível para outros argumentos, como se vê em (15) que é agramatical por não haver maneira de se interpretar *meu* uma vez que as três posições argumentais estão preenchidas.

(15) *João gostaria de comprar um retrato *meu* [de Maria] [de Picasso] [do colecionador]

Uma explicação intuitiva para o fato de que o possessivo anteposto respeita a hierarquia estrutural estabelecida para os argumentos genitivos me parece ser a de que um sujeito sempre respeita a hierarquia temático-estrutural de seu predicado para ser interpretado.

A solução intuitiva para a questão de como poderia um adjunto “absorver” o papel temático de um predicado, ou, dito de outra forma, como pode um adjunto funcionar como argumento e diminuir a valência de um predicado seria a idéia de que o adjunto não “satura” um papel temático como o argumento. Na construção em adjunção (modificador/modificado), o adjunto toma um elemento da categoria e o deixa na categoria : constrói um constituinte da mesma categoria. Nesse processo, é possível pensar que um dos efeitos dessa “modificação” pode ser justamente o de reduzir a rede temática do elemento a que certos adjetivos se adjungem.

Faço apenas um esboço de como esses fatos poderiam ser inseridos no Modelo Gerativista seguindo, muito superficialmente, uma linha proposta por C. Franchi (*comunicação pessoal*). Um primeiro passo seria a explicitação dos traços do item lexical *seu*, pois os objetos sintáticos complexos são sempre rearranjos das propriedades dos itens lexicais de que são em última análise constituídos. Os traços formais do possessivo *seu/sua/seus/suas* relevantes para o estudo da sintaxe desse possessivo seriam os expressos em (16).

- (16) Traços intrínsecos: [+Adjetivo]=[([+N],[+V])]
[+anáfora]
[+3a pessoa]
Traços opcionais: [+operador] (entre outros)

Dada a representação lexical proposta, é possível o enfrentamento da questão que se coloca para a Teoria Gerativa: qual seria a posição de base dos possessivos? A hipótese nula parece ser a de que o possessivo se engendraria em adjunção ao núcleo nominal e, no caso do possessivo anteposto, se move para uma posição externa ao sintagma nominal. Esse movimento seria causado pelo traço opcional [+operador].